

# A Representação de Mulheres Negras em Novelas da Rede Globo<sup>1</sup>

Suellen Stéfani Felício LOURENÇO<sup>2</sup>

Mestranda

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG.

## Resumo

Este trabalho teve como objetivo analisar a representação de mulheres negras em novelas da Rede Globo através de discussões realizadas acerca da contextualização histórica do regime de escravidão, da prática do racismo e a forma como ambos criaram estereótipos que são reproduzidos em novelas. Foi possível observar a maneira como a análise do discurso e a mídia dialogam entre si. Sobretudo, no que tange ao papel da mídia televisiva, observou-se o modo como ela pode reforçar estereótipos vinculados à mulher negra, mesmo nas tentativas de atenuá-los em algumas representações de mulheres negras em novelas.

**Palavras-chave:** História das Mídias Audiovisuais; Mulher Negra; Racismo; Mídia; Estereótipos.

## Introdução

A presente pesquisa procurou analisar as representações das mulheres negras em novelas da Rede Globo. Cabe mencionar que no Brasil, por uma questão histórica da escravidão, a população negra ainda ocupa poucos espaços na sociedade e sofrem preconceito, o que também está evidente no espaço midiático. As mulheres negras que estão inseridas na mídia televisiva normalmente recebem pouco destaque em um trabalho, assumindo papéis coadjuvantes ou quando recebem destaque são retratadas por outros veículos de comunicação como símbolo sexual e não conhecidas pelo talento. Desse modo, percebe-se que o preconceito presente na sociedade perpassa por vários espaços midiáticos e torna-se evidente o racismo e os estereótipos da mulher negra. De acordo com Dantas e Florencio (2018), o Brasil, mesmo com mais de 300 anos passados da escravidão, reforça a marginalização dos afrodescendentes e desse modo tem-se uma baixa representatividade da população negra na mídia. A ausência de pessoas negras na mídia e as frequentes representações estereotipadas dessas nos mais diferentes contextos midiáticos são consideradas formas de manifestação do racismo, isto é, “um sistema de opressão que visa negar direitos a um grupo, que cria uma ideologia de opressão a ele”

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT História das Mídias Audiovisuais, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

<sup>2</sup> Mestranda em Estudos do Texto e do Discurso. Discente no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFV, Graduada em Secretariado Executivo Trilíngue pela UFV, e-mail: suellen.lourenco@ufv.br

(RIBEIRO, 2018, p.39). Pensar no corpo negro, para Braga, Magalhães e Schemes (2018), é estabelecer uma relação com a construção racial e sexista na sociedade e pensar sobre os conflitos que fazem parte do cotidiano das mulheres negras, já que, segundo Munanga e Gomes (2006), a mulher negra vive em uma situação marcada pela discriminação em ser mulher em uma sociedade machista e ser negra em uma sociedade racista.

Nas revistas, mulheres negras dificilmente estão nas capas e, quando estão, são hiperssexualizadas pela mídia, apresentadas como “desejo de consumo” para o homem. Essa sexualização retira a humanidade das mulheres negras, pois muitas vezes são importunadas, tocadas e invadidas, atitudes recorrentes que as reduzem à objetificação e a violências (RIBEIRO, 2019). “Hiperssexual, masculina, promíscua, dominadora e forte: a mulher negra foi construída ao longo de séculos de opressão racista e machista, potencializando o que havia de pior nas configurações estigmatizadas dos negros e das mulheres” (FERNANDES, 2016, p.697).

No que se refere à moda, há alguns anos, para hooks (2019), houve uma resistência das revistas em incluir imagens de mulheres negras, o que já trazia demonstrações de que a presença de tais mulheres insinuaria o estereótipo racista de que não são bonitas, por não corresponderem ao padrão de beleza europeu. Ribeiro (2019) afirma que uma marca de luxo, por exemplo, pode fazer uma coleção de moda inspirada em elementos da cultura negra, no entanto, contratar modelos brancas para o desfile, o que faz com que as peças cheguem ao consumidor sem o sentido de divulgar a cultura negra.

Neste sentido, observa-se que as atrizes negras nas novelas interpretam muitas profissões que estão atreladas ao estereótipo de mulher negra de baixa renda, com pouca escolaridade e que durante a novela recebe o status, pelos espectadores, de mulher guerreira, que conseguiu sozinha criar os filhos e a enfrentar os obstáculos da vida. No entanto, poucas vezes, as mulheres negras são retratadas nas novelas como protagonistas e raramente ocupam cargos de liderança. Isso reforça o preconceito e evidencia a desigualdade social, mostrando nas novelas que as mulheres pouco privilegiadas na sociedade e que lidam com a discriminação precisam passar por momentos difíceis para conseguirem o que querem e, muitas vezes, são denominadas por adjetivos como batalhadoras e guerreiras, sendo que por trás dessas qualificações, existem fatores sociais e de discriminação que corroboram a determinada situação de vida da personagem.

## Referencial Teórico

### A Escravidão, Os Estereótipos e O Racismo

Para realizar as discussões acerca do tema desta pesquisa é importante fazer referência à escravidão para reconhecer os estereótipos em relação à população negra que estão atrelados à noção de raça superior e raça inferior oriundas deste período histórico e de que maneiras estes estereótipos reforçam a ideia do negro como minoria. Desta maneira, de acordo com Lopes (2005), o negro está na função de discriminado e está sujeito às decisões do discriminador que possui privilégios, enquanto a população negra deve lutar para encontrar a autoestima, sem possuir uma forte representatividade em seu contexto social. Neste sentido, cabe discutir sobre o racismo. Para Sant'Ana (2005), o racismo é um fenômeno ideológico que provém das discriminações, do preconceito e dos estereótipos e que se sustenta através das gerações

Assim, vê-se a questão de grupos tentarem se impor para mostrar que existe uma superioridade em relação a outro grupo. Desta forma, se alastra um discurso preconceituoso para desqualificar o negro. Estes discursos estão associados a julgamentos de inferioridade, como, por exemplo, reforçar a imagem pejorativa do negro como acomodado, que se conforma com a sua condição de vida e de vítima. Para Almeida (2019), o racismo institucional não se resume ao racismo individual, mas é o resultado da atuação das instituições que acabam por direta ou indiretamente concedendo desvantagens e privilégios com base na raça. O autor explica que são estabelecidos parâmetros de discriminação que servem para manter a dominância de um grupo racial no poder. Desse modo, a cultura, o padrão estético e as práticas de poder de um determinado grupo tornam-se referências para a sociedade. Assim, há o domínio de homens brancos em instituições públicas e privadas, o que pode levar a existência de padrões que dificultam a ascensão de negros e mulheres, instaurando assim, a desigualdade racial e de gênero. No entanto, pode-se observar que o racismo institucional colabora para a desqualificação do negro e discursos preconceituosos como este evidenciam que na sociedade muitas pessoas acreditam que as oportunidades são as mesmas para todos e insistem em propagar o discurso de que não existe o preconceito, sendo que a maioria das desqualificações se associam à cor da pele de um grupo mal ajustado na sociedade. Devido a estas questões de exploração dos negros ao longo da história, criou-se uma cultura de racismo muito forte na sociedade brasileira e no mundo,

onde brancos são considerados superiores em relação a outras raças o que faz com que pessoas negras convivam em uma sociedade em que a referência é a cultura europeia, o que se difunde nas artes, nas músicas, nas representações da mídia, nos destaques em cargos de prestígio (majoritariamente compostos por homens brancos), entre outras formas.

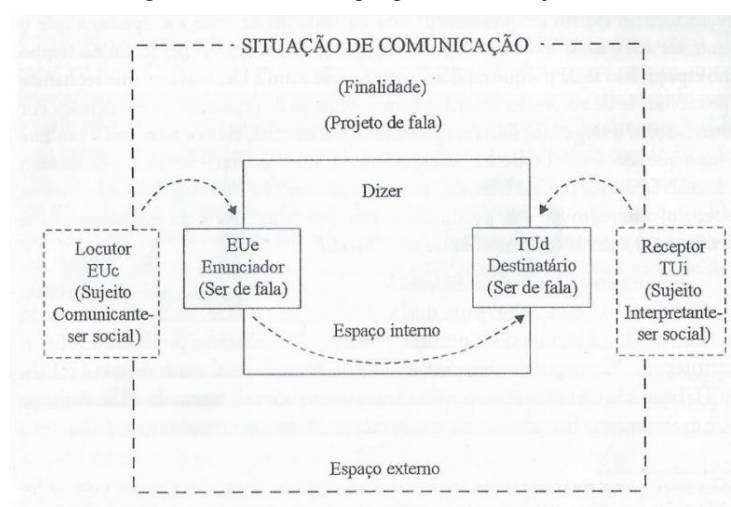
Diante desta realidade, surgem estereótipos que marcam a discriminação racial com alusão a elementos pejorativos a essa população. De acordo com Procópio (2008), os estereótipos cristalizam uma ideia, uma imagem, que podem assumir um teor negativo, pejorativo e dependem do julgamento do indivíduo. Desse modo, um discurso que possui estereótipos será visto por uma perspectiva valorativa que o próprio estereótipo carrega para o espaço de enunciação. Como pode ser visto, a população negra é marcada por discursos cristalizados na sociedade por formas de negatividade correlacionadas a sentimentos de incapacidade que os colocam em condições subalternas marcadas pela desigualdade social. Neste sentido, evidencia-se o impacto da escravidão nos dias atuais que perpassa por diversos contextos sociais que os negros estão inseridos. Conforme citado anteriormente, o racismo institucional é uma forma de racismo que está presente na sociedade, A prática do racismo também se concretiza nas ilustrações dos livros didáticos e com frequência pode ser observada a ausência da história do povo negro no Brasil nestes materiais. Não é visto de maneira majoritária crianças negras nos livros didáticos, por exemplo, na capa de um livro ou em uma foto em família. É comum observar em livros de didática a aparição de personagens negros quando há um capítulo que retrata sobre folclore ou superstições, geralmente personagens associados a características que denotam maldade. A representação do negro como estereótipo de pouco inteligente está presente nos meios de comunicação e em materiais pedagógicos, o que conduz as crianças ao desinteresse, à repetência e à evasão escolar. Desse modo, Sant´Ana (2005) menciona que o estereótipo se caracteriza pelo preconceito em sua manifestação comportamental e objetiva sustentar a inferioridade, a subordinação e a desigualdade.

### **O Diálogo entre a Mídia e a Análise do discurso**

De acordo com Gregolin (2007), as mídias fazem a mediação entre os leitores e a realidade, sendo que ela não transmite a realidade, mas uma construção que permite o leitor produzir formas de representação que se relacionam com a sua realidade concreta.

Dessa forma, a autora menciona que a análise do discurso se interessa cada vez pela mídia como objeto de estudo. Ainda de acordo com a autora, a mídia e a análise do discurso se complementam para estudarem as produções sociais de sentidos. Neste sentido, a autora menciona que a análise do discurso tem como objeto de estudo a produção de efeitos de sentido, realizada por sujeitos sociais, que usam a linguagem e se inserem na história. Diante disso, cabe ressaltar sobre o esquema do ato de linguagem proposto por Charaudeau, conforme abaixo na Figura 1.

Figura 1 – Ato de Linguagem e seus Sujeitos



Fonte: Charaudeau (2008, p. 52).

De acordo com Charaudeau (2008), o ato de linguagem (figura 1) resulta de um jogo que nasce: de situações de discurso específicas; do ponto de encontro de processos de produção e interpretação; da encenação do sujeito de fala e do sujeito agente. O autor ainda menciona que o ato de linguagem se compõe de dois circuitos: o circuito da fala configurada (espaço interno) e o circuito externo à fala configurada (espaço externo). O espaço interno (espaço do dizer) é composto por seres de fala, que são o EUE (Eu enunciador) e o TUD (Tu destinatário), ou seja, eles advêm das práticas languageiras. No espaço externo, estão presentes o EUC (Eu comunicante) e o TUI (Tu interpretante) que são organizados no espaço social, ou seja, são testemunhas do real, existem na realidade. Nesse sentido, a significação discursiva se articula entre o circuito interno (linguístico-discursivo) e o circuito externo (situacional). No que se refere à máquina midiática, Charaudeau (2006) afirma que a primeira instância é representada pelo produtor da informação, a segunda pelo consumidor da informação e a terceira pelo produto do texto

midiático. Com referência ao trecho acima citado, pode-se perceber a situação do ato de linguagem proposta por Charaudeau.

Com alusão ao objeto de estudo deste artigo, é relevante afirmar que o ato de linguagem neste caso, de acordo com Charaudeau (2008), consiste em: um EUc (Sujeito Comunicante-ser Social) que inserido no espaço externo representa as atrizes fora do contexto ficcional (novela), ou seja, o EUc são pessoas que existem no espaço social, existentes na realidade; um TUi (Sujeito Interpretante-ser Social) que pode coincidir ou não com o TUd (destinatário- ser de fala), pois a mensagem emitida pode chegar a diferentes públicos, não necessariamente sendo apenas os telespectadores que acompanhem a novela, pois notícias sobre capítulos deste tipo de programa, podem ser recebidas pela pessoa por outros veículos de comunicação, sendo que a pessoa pode ser ou não telespectador da novela; um EUe (Ser de fala) que compreende o espaço de fala, discursivo. No contexto em que se insere este artigo, os seres de fala são representados pelas personagens interpretadas pelas atrizes negras nas novelas; um TUd (Destinatário-ser de Fala) que compreende o receptor ideal da mensagem, no caso das novelas, o TUd é o telespectador que acompanha a novela.

Dessa forma, Guazina (2007) afirma que a comunicação mediada nas sociedades contemporâneas suscitou a reformulações teóricas que procuram estudar como a mídia influencia a visão de mundo das pessoas e que é importante compreender quais as consequências advindas desta influência. Neste contexto, Charaudeau (2006) menciona que a máquina midiática promove a visibilidade e a espetacularização como forma de dramatizar o espaço público, o que leva os indivíduos a questionarem o que é o mundo real ou ficcional. Desta forma, entende-se assim, esse papel da mídia de construir uma visão obsessiva do uso do espaço público para a espetacularização e ao mesmo tempo causa repulsa ao espectador.

### **Funções Subalternas da Mulher Negra na Sociedade e a sua Imagem Reproduzida pelas Novelas**

De acordo com Munanga e Gomes (2006), apesar das mudanças sociais ocorridas nos papéis das mulheres a partir dos anos 60, as mulheres negras ainda vivenciam situações de discriminação na sociedade, além de conviverem com o machismo. Com referência ao que foi citado anteriormente, pode-se observar que a representação do negro em livros didáticos assumindo papéis subalternos é algo que é marcado fortemente nas

funções desempenhadas por mulheres negras, o que se correlaciona com os estereótipos da inferioridade e da incapacidade intelectual. Em consequência desta desigualdade, Munanga e Gomes (2006) afirmam que a mulher moderna tem por característica buscar sua independência trabalhando fora de casa. Por outro lado, com as mulheres negras é observável uma discrepância já que a realidade do trabalho fora de casa é antiga para estas mulheres, pois além de cuidar da casa e dos seus filhos, tinham que procurar trabalho fora de casa, assumindo funções domésticas e cuidando dos filhos de outras mulheres para que estas pudessem conquistar novos espaços na sociedade. Desse modo, observa-se o papel da mulher negra como coadjuvante e cria-se o estereótipo da mulher negra ocupando o cargo apenas de empregada doméstica.

Para Munanga e Gomes (2006), a mulher negra é conhecida por ser a trabalhadora que saiu dos trabalhos forçados do escravismo e foi conduzida a desenvolver trabalhos braçais, sendo a maioria, a empregada doméstica, a faxineira e a cozinheira, como exemplos. Ainda nesse contexto, Rufino (2003) *apud* Munanga e Gomes (2006) menciona que há diferença na história das mulheres negras e brancas, pois enquanto estas procuram romper estigmas e assumem cada vez mais posições majoritariamente ocupadas por homens, aquelas ainda lutam para assumir cargos de pouco prestígio considerados femininos e de mulheres brancas, como o de recepcionista, por exemplo. Assim, as especificidades da mulher negra abrangem camadas sociais que as colocam em situações sociais de vulnerabilidade, o que ocasiona a má remuneração no trabalho exercendo funções de maior esforço físico, além de terem menor acesso à educação formal, estipulando o trabalho como a única designação para a mulher negra (GUIMARÃES-SILVA, 2018). De acordo com Silva (2014), na história, as mulheres negras foram privadas do acesso à educação, o que reforçou a imagem delas centralizada em seus corpos (oriunda da escravidão em que deviam servir aos homens brancos), além de servirem às mulheres brancas atendendo a pedidos. Neste sentido, Silva (2014) sustenta que o feminismo negro vem para tratar de problemáticas das mulheres negras que não recebem a devida atenção do feminismo promovido pela mulher branca, o que leva em consideração a exclusão social e racial. Evaristo (2006) *apud* Silva (2014) explica que enquanto a luta feminista das mulheres brancas se baseou contra o controle e o machismo dos pais e dos irmãos, o da mulher negra se baseou na luta contra a dominação de uma sociedade representada pelo homem branco e pela mulher branca.

Neste contexto, as novelas, de acordo com Santos *et al* (2017), trazem uma representação das mulheres negras de modo que se mantém estereótipos oriundos de discursos que perpetuam o preconceito na sociedade. Para Silva (2009), a forma como a imagem da mulher é construída pela televisão revela os discursos subliminares usados para a manipulação e a multiplicação das subjetividades e das identidades presentes no cotidiano que são ressignificadas a partir de uma padronização estética. Com relação à citação acima, pode-se inferir que o corpo da mulher é muito utilizado na mídia para a manipulação, principalmente pela publicidade. As definições sobre a estética, segundo Carvalho (2018), carregam estereótipos sobre o corpo ideal e padronizado, tendo como referência o corpo magro e refletindo a aversão ao corpo gordo que é invisibilizado.

No caso das mulheres negras existe a visibilidade do corpo quando este denota na mídia a sensualidade. Assim, nos diferentes espaços da mídia, pode ser observada a importância que se dá ao corpo da mulher negra magra, representada com sensualidade e por possuir belas curvaturas. Esta imagem criada mostrada na mídia, reflete o discurso de que não é importante a intelectualidade para estas mulheres, mas apenas o corpo magro e esbelto sustenta a visibilidade deste grupo. Desta forma Dacome e Coito (2018) afirmam que a conquista da beleza feminina pelo corpo magro, pode afetar ao ponto de a mulher priorizar valores estéticos a saudáveis, sendo que nesse discurso reproduzido pela mídia, da magreza como o ideal de beleza, dissemina a cultura do corpo padrão. Normalmente, mulheres negras gordas recebem outro tipo de tratamento na mídia. Em novelas, por exemplo, estas mulheres interpretam personagens que apresentam como características o humor e a espontaneidade.

Desse modo, fica evidente a diferença entre como as mulheres negras são tratadas pela mídia. Em outras palavras, se a mulher negra possui um corpo sensual, não é necessário se preocupar em transmitir a mensagem de que ela é inteligente, entretanto, se a mulher é negra e gorda, é necessário usar alguma característica forte de sua personalidade para chamar atenção, já que não possui atributos de um corpo padrão valorizado pela mídia. De acordo com Sousa (2017), nas telenovelas as mulheres negras ocupam posições desprivilegiadas e estão sempre à margem da história em relação a outros personagens e também há uma hiperssexualização dos corpos das mulheres negras. Logo, Munanga e Gomes (2006) reforçam que as propagandas, as publicidades e as



novelas tendem a retratar o negro, que já sofre discriminação na sociedade, de um modo inadequado o que reproduz estigmas sociais e enaltece a hegemonia de pessoas brancas.

### **Metodologia**

Nesta parte do trabalho serão abordados os aspectos metodológicos que foram importantes para a realização do trabalho e que caracterizaram esta pesquisa como sendo qualitativa. No que se refere à finalidade, a pesquisa foi descritiva, sendo realizada uma revisão bibliográfica para fundamentar o trabalho, o que permitiu relacionar o objeto de estudo com a teoria e analisar como as teorias foram abordadas em estudos anteriores e a forma como puderam contribuir para analisar o objeto desta pesquisa. Este trabalho consistiu em analisar a representação de mulheres negras em novelas da Rede Globo. Para discorrer sobre esta temática, foi necessário retomar algumas questões ligadas ao regime de escravidão e como isso suscitou a manutenção do preconceito e a criação de estereótipos na sociedade. Posteriormente, foi abordado o racismo institucional para que houvesse compreensão sobre a forma como estereótipos oriundos dessa prática são retratados na mídia, especificamente, em novelas, sendo que, no contexto da mídia, realizou-se a abordagem do ato de linguagem e seus Sujeitos proposto por Charaudeau e a forma como a mídia e a análise do discurso dialogam entre si. Esta pesquisa possibilitou relacionar a questão dos estereótipos retratados em novelas com situações no cotidiano as quais as mulheres negras são submetidas, com ênfase aos estereótipos advindos da prática do racismo institucional.

Desta forma, buscou-se analisar alguns papéis feitos por atrizes negras em novelas da Rede Globo, ressaltando os estereótipos acerca das personagens, no que concerne à representação do corpo, a profissões desenvolvidas e a comportamentos das personagens que estão atrelados a discursos preconceituosos da sociedade. Com isso, é possível estabelecer relações entre os discursos advindos da sociedade quanto à objetificação do corpo da mulher negra e da sua capacidade intelectual, o que se associa ao regime escravocrata dos negros e o papel que a mídia estabelece de refletir comportamentos preconceituosos da sociedade em relação à mulher negra. Nesse sentido, realizou-se o levantamento de quatro personagens de novelas da Rede Globo, interpretadas por atrizes negras. As personagens analisadas neste trabalho foram: Zezé, da novela Avenida Brasil (2012), Maria da Penha, da novela Cheias de Charme (2012), Gilda, da novela A Dona do Pedaço (2019) e Gisele, da novela Bom Sucesso (2019). Considerou-se para análise,

aspectos associados ao corpo, à personalidade e à profissão das personagens para que pudesse ser feito o levantamento dos atributos dos papéis desempenhados pelas atrizes e a forma como estas características estão atreladas a estereótipos reproduzidos na sociedade, sendo que três personagens realizam funções domésticas e as outras duas atuam em funções administrativas.

## Resultados e Discussão

### As Personagens Zezé e Maria da Penha

No que se refere à representação da mulher negra em novelas, pode-se afirmar que o corpo é um elemento que está relacionado ao papel desenvolvido pela atriz, retratando estereótipos que estão na sociedade. Pode-se observar, por exemplo, que na novela Avenida Brasil (2012), da Rede Globo, Zezé (Figura 2), empregada doméstica, interpretada pela atriz Cacau Protásio, além de ocupar uma profissão estilizada à mulher negra, apresenta comportamentos negativos o que remete à citação anterior de o negro estar associado ao que é feio e mau.

Figura 2



Figura 3



Figura 2 - Fonte: < <http://gazetaweb.globo.com/portal/noticia-old.php?c=324863&e=34> > . Acesso em: 9 out. 2019.

Figura 3 - Fonte: < <https://www.noticiasdatvbrasileira.com.br/2012/03/cheias-de-charme-maria-da-penha-e-o.html> > . Acesso em: 9 out. 2019.

Apesar de ser considerada para o público uma personagem engraçada, vê-se que a Zezé é bajuladora da patroa e interesseira. Desta forma, apesar de a mídia retratar a imagem da personagem como querida do público, observa-se elementos que evidenciam a questão de estereótipos, não apenas relacionados ao comportamento, mas também ao físico, em que a personagem é negra e gorda. Por outro lado, na novela Cheias de Charme

(também de 2012), da Rede Globo, a personagem de Maria da Penha, interpretada por Taís Araújo, também é empregada doméstica e retratada da mesma forma como a Zezé, de forma humorística. Maria da Penha (Figura 3) representa a mulher que batalha, mãe, que vive em uma comunidade carente e que através da música consegue vencer na vida. Neste sentido, pode-se inferir que a relação do enredo das personagens com a aparência física é algo que está intrinsecamente ligado, pois Maria da Penha representa o estereótipo do corpo da mulher negra como objeto sexual, o que se confirma pela cena em que a personagem é assediada pelo marido da patroa. Além disso, no que se refere às personalidades das personagens, Maria da Penha foi divulgada pela mídia como mulher guerreira, enquanto Zezé, apesar de ser retratada também pelo humor, é lembrada por ser desbocada e interesseira.

### As Personagens Gisele e Gilda

Cabe mencionar sobre o papel vivido pela atriz Sheron Menezes, na novela Bom Sucesso (2019), da Rede Globo. A atriz interpreta a personagem Gisele (Figura 4) que é assistente pessoal de sua amiga Nana, interpretada pela atriz Fabiula Nascimento, e mantém um caso com o marido dela. Sobre essa forma de retratação da personagem, pode-se dizer que a mídia em uma tentativa de trazer a mulher negra ocupando outros cargos que se diferem dos cargos de empregadas domésticas, acaba reforçando outros estereótipos na dramatização da personagem.

Figura 4



Figura 5



Figura 5 - Fonte: < <https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/novela/2019/07/sheron-menezes-interpreta-gisele-em-bom-sucesso> >. Acesso em: 9 out. 2019.

Figura 6 – Fonte: < <https://fanoticias.com.br/em-a-dona-do-pedaco-gilda-diz-a-amadeu-que-mentiu-sobre-o-cancer/> > . Acesso em: 9 out. 2019.

Observa-se que Gisele é assistente pessoal, o que não se desvincula totalmente deste estereótipo de relacionar a personagem negra ao papel de coadjuvante, sempre disponível a ajudar os patrões em tarefas pessoais, o que também se relaciona à

empregada doméstica que se torna da família na linguagem dos patrões. Assumindo o papel de amiga, Gisele se mostra uma pessoa antiética ao ter um caso com o marido de Nana tendo como objetivo alcançar a fortuna do pai dela. Dessa forma, além de ser amante, Gisele se mostra uma pessoa ambiciosa, dissimulada e invejosa. Desse modo, pode-se dizer que até mesmo quando é mostrado nas novelas as mulheres negras ocupando outros papéis na novela, há uma vinculação com características negativas que coadunam com a forma como negros são relacionados ao que é feio, considerado mau. Desta forma, a personagem apresentando tais características mencionadas anteriormente, sugere que o negro não consegue alcançar uma posição melhor em sua vida profissional a não ser que seja enganando outras pessoas e no caso da personagem Gisele, além desta característica, ela utiliza também a sensualidade, reforçando que mulheres negras precisam utilizar o seu corpo como objeto atrativo para obter uma ascensão econômica. Um outro papel importante para citar é o da personagem Gilda (Figura 5), interpretada pela atriz Heloísa Jorge, na novela *A Dona do Pedaço* (2019). Na trama, Gilda é fisioterapeuta, casada e tem um filho, no entanto descobre que tem um câncer de mama e por medo de perder o marido para a ex-namorada dele, decide manter em segredo por um tempo a doença, mas acaba falecendo na novela.

Nesta novela, pode ser vista a ascensão dos cargos ocupados pela personagem negra. Gilda é formada em fisioterapia e durante a trama faz uma troca de profissão, tornando-se corretora em um escritório. Para conseguir o cargo de corretora, Gilda recebe ajuda da personagem interpretada pela atriz Débora Evelyn, Lyris, que desconfiada que o marido possui uma amante que trabalha no escritório, pede à Gilda para vigiá-lo. Gilda o faz, como forma de agradecimento pela ajuda ao obter o cargo. Apesar de ter uma representatividade para as mulheres negras no que se refere aos cargos conseguidos pela personagem, ainda pode ser observado estereótipos acerca da mulher negra. Pode-se dizer que para alcançar o cargo de corretora, Gilda teve que estabelecer uma troca de favores a uma mulher branca.

Desta forma, vincula-se à personagem o estereótipo do negro como coadjuvante, incapaz de conseguir algo por mérito próprio. Apesar de buscar pela desvinculação destes estereótipos, um outro ponto observado na novela é a maneira como é conduzido o relacionamento amoroso de Gilda, que mais uma vez é vista como coadjuvante e vê-se a retratação da solidão da mulher negra, o que pode ser observado pelo fato de a

personagem ter medo de perder o marido para outra mulher e, por isso, esconder a doença. Apesar de ter representatividade e trazer a questão da importância do tratamento do câncer de mama, é observável elementos que se configuram no estereótipo da mulher negra que não consegue ter um relacionamento estável e que se sente inferiorizada.

### **Considerações Finais**

Após a discussão dos papéis retratados por algumas atrizes negras mencionadas neste artigo, pode ser observado reprodução de estereótipos em novelas. Além disso, foi importante retomar a questão histórica da escravidão para compreender a forma como discursos e atitudes preconceituosas estão vinculados em diversas esferas sociais da população negra. No que concerne à mulher negra, pôde-se observar que estereótipos criados na sociedade se situam com ênfase na objetificação do seu corpo, que é algo existente do período escravocrata. Deste modo, vê-se que as reproduções de discursos e de atitudes preconceituosas na sociedade contemporânea possuem uma forte vinculação com este período. Neste contexto, surgem discursos preconceituosos associados à incapacidade intelectual dos negros e por serem minoria na sociedade, a maioria realiza trabalhos braçais. Com isso, a mulher negra, muitas vezes, assume funções subalternas, de pouco prestígio. De acordo com o que foi apresentado sobre a personagem Gilda, da novela *A Dona do Pedaco* (2019), pode-se perceber estereótipos, mesmo que na novela haja a tentativa de desmistificá-los. Apesar de a personagem assumir um cargo de prestígio, vê-se a associação do estereótipo da incapacidade intelectual na novela. Este trabalho se mostrou relevante para evidenciar o preconceito existente no Brasil e a perpetuação do racismo em diversos aspectos sociológicos. Desta forma, a pesquisa propõe auxiliar a discussão de temas futuros como o racismo na escola, a representação da imagem da mulher negra em capas de revista e anúncios publicitários, o estudo sobre a quantidade de negros estudando em instituições federais, entre outros. Pesquisas como estas ajudam a discutir sobre as condições precárias de oportunidades às quais as minorias da sociedade são submetidas e promovem o debate sobre formas de atenuar a prática do preconceito.

### **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen, 2019.

BRAGA, Larissa Adams; MAGALHÃES, Magna Lima; SCHEMES, Claudia. Quando a moda é política: as mulheres negras. **Ex æquo**, n.38, p. 149-166, 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0874-55602018000200011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt.](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0874-55602018000200011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt.)>. Acesso em: 10 set. 2020.

CARVALHO, Alexandra Bittencourt de. **Representações e identidades de mulheres gordas em práticas midiáticas digitais: tensões entre vozes de resistência e vozes hegemônicas**. Viçosa: UFV, 2018. 149 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e Discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

DACOME, Ana Lúcia Bueno; COITO, Roselene. Leitura discursiva do/no ciberespaço: padronização e resistência dos corpos femininos. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática**. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. p. 791-804.

DANTAS, Carolina; FLORENCIO, Adriano. **Racismo institucional midiático: A representação das mulheres afrodescendentes na mídia televisiva pernambucana**, Universidade Federal da Paraíba; 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Joinville, 2018. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

FERNANDES, Danubia de Andrade. O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n.3, p.691-713, set-dez, 2016. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2016000300691&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2016000300691&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 21 set. 2020.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, nov. 2007. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/105/106>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

GUAZINA, Liziane. O conceito de mídia na comunicação e na ciência política: Desafios interdisciplinares. **Revista Debates**, Porto Alegre, v.1, n.1, p.49-64, jul.-dez.2007. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/debates/article/view/2469>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

GUIMARÃES-SILVA, Pâmela. Feminismo negro: usos, apropriações e possibilidades políticas das práticas comunicativas midiáticas. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática**. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. p. 820-837.

HOOKS, bell. **Olhares negros: Raça e Representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

LOPES, Véra Neusa. Racismo, preconceito e discriminação: Procedimentos didático-pedagógicos e a conquista de novos comportamentos. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na escola**. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O Negro no Brasil de Hoje**. Coleção Para Entender. São Paulo: Global, 2006.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. **O ethos do homem do campo nos quadrinhos de Chico Bento**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, 142p. (Dissertação Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da UFMG, Minas Gerais, 2008.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANT´ANA, Antônio Olímpio de. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na escola**. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTOS, Manuela Pinheiro *et al.* **A invisibilidade da mulher negra na mídia**. V Seminário Internacional – Enlaçando Sexualidades, 10 anos. Editora Realize. 2017. Disponível em: <[https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO\\_EV072\\_MD1\\_SA30\\_ID122\\_19062017214709.pdf](https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD1_SA30_ID122_19062017214709.pdf)> Acesso em: 17 set. 2019.

SILVA, Franciane Conceição da. **Armadilhas do corpo: uma leitura de gênero em Isabel Ferreira**. Viçosa: UFV, 2014. 113 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2014.

SILVA, Marli Barboza da. **A mulher e sua interlocução com a mídia televisiva: Imagem e Subjetivação**. Cuiabá: UFMT, 2009. 111 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Coordenação de Programas de Pós-graduação em Estudos de Linguagem – Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, 2009.